



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 360 — Preço 1\$00
28 DE DEZEMBRO DE 1957

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

MANSÕES DE PAZ

Conta-nos a história que Dante, expulso da sua ridente cidade por dissensões políticas, assolado pela miséria, batido pela brisa agreste da desventura, comendo durante largos anos o pão negro dos degredados, bate às portas de Verona, Pisa, Roma, Paris; ensina em Oxford e Bolonha para apagar máguas, e, finalmente, sobraçando os primeiros sete cantos do seu imortal poema, foi dar à portaria do Convento de S. Cruz do Corvo; e à pergunta de fr. Hilário: **Que deseja?** ele responde: **Paz!** e transpõe em silêncio o limiar da suave clausura.

Mansões de Paz!

As sociedades monásticas são na terra a mais sublime expressão da vida divina e como ela, indestructíveis. Dormem nas áreas das nações, envoltos em pó e ruídos da traça, os nefandos decretos que atentaram contra a unidade das suas famílias; erguem-se nas praças públicas, sobre gigantescos e artísticos pedestais de mármore, as estátuas dos homens célebres que os mandaram executar, cobertos de verde e indiferença; as teorias agitam-se; cruzam-se os ideais; e as paixões dos homens alteram com linhas de sangue os mapas das nações e as fortunas dos povos. Tudo isto passa e as sociedades monásticas permanecem tranquilas e imutáveis, como as essências das coisas!

Mansões de Paz!

Caluniados; perseguidos; espoliados do seu ninho de amor; escorraçados pela plebe, os frades deixam os seus conventos, a sua pátria e caminham em silêncio, alegres, felizes, contentes, **para outras terras a fazer penitência dos seus pecados** conforme manda a Santa Regra, com a mesma indiferença

com que um grão de trigo germina, a flor morre e o sol espreguia os destroços dos grandes cataclismos! Oh supremo desdem! Mas não acabam; não desaparecem! Benditos sejam os frades!

Esses conventos cheios d'arte e magestade que se levantam nos lindos vales e vetustas cidades da nossa terra, cadáveres gigantescos afrontando os séculos e levantando no espaço as suas torres num suspiro de saudade e agonia, não atestam nem significam a morte universal das famílias monásticas, porque os ideais do espirito não se aniquilam facilmente; essas pesadas moles de granito são antes uma prova irrefragável da fé dos seus construtores e a marca indelével da vida dos seus habitantes através de todas as vicissitudes. Não acabam; não desaparecem! São benditos do Senhor!

Os fundadores das Ordens Monásticas não são poetas nem artistas, nem heróis, nem sábios, nem filósofos, nem génios! São a síntese de tudo isto numa alma forte e poderosa que, polarizada em Deus, não se lhe dá de ser presada, louvada, admirada; não procura honras; despreza as dignidades; perdoa as ingratições; alma para quem a Virtude e o Bem são o fim soberano da existência, sempre pensando nos outros; vivendo para os outros e arrastando diante de si até junto de Deus, a sanção, as misérias da humanidade inteira. Eis o Santo! São santos todos os fundadores de Ordens Monásticas. E, sendo certo que todos são grandes santos, qual a razão porque uns são mais venerados que outros e S. Francisco mais do que todos? Porque que é que ele transformou os homens e as ideias do seu

século, inspirou poetas e artistas, excitou o amor, a simplicidade, a harmonia e a beleza no coração de todos e ainda hoje, sete séculos decorridos, ele é o mesmo santo extraordinário que os homens de todas as confissões religiosas e profissões sociais admiram, invocam e celebram?! O seu 7.º centenário, que a nossa modesta revista hoje celebra, interessa a todos os povos e estende-se a todo o mundo! Porquê? É que nenhum homem como ele soube jamais desprezar a vida para a viver na sua plenitude. Viveu-a amando. Mas amando o quê? Os homens; a natureza; as coisas; a sim-

Cont. na terc. pag.



É aquela tolinha que vive lá em cima no sótão. Foi a resposta à minha pergunta donde morava uma rapariga nova com uma filhinha de três anos e um pequenino de um ano.

Subi seis lanços de escadas escuras, bati e apareceu uma velhinha pobre e de 72 anos que, por esmola, aceitou na sua companhia aquela rapariga. Perguntei pelo menino e foram-me buscar. Trazia vestida só uma camisinha suja, carita gorda e suja também e os cabelitos a cair pelo pescoço.

A pequenita já alguém tomou conta dela. Agora faltava só quem tomasse conta do pequenino para a mãe ser internada no manicómio.

Aquela rapariga mãe tem 23 anos e é orfã de pais desde pequena. Anormal, viveu a sua vida na rua. Cabelos pretos em desalinho pela cara abaixo, sa-

co de papéis às costas, era vê-la à porta de Santa Cruz com o filhito ao colo e ceira na mão, ou na praça a fazer frete a uns e outros ou a buscar papéis sujos nas ruas da baixa.

Toda Coimbra a conhecia. As autoridades estavam preocupadas pois continuava a portar-se mal.

Tudo é permitido na nossa sociedade. Até abusar duma rapariga anormal e que nem humanamente se pode defender! Oh crime! Há homens a quem só fica bem chamar-se-lhes bestas! E andam pelas ruas de cara bem descoberta e talvez bem engravatados!...

Era manhãzinha e já ela tinha dado uma volta aos papéis mas chegou a casa com o sacco de papéis vazio.

Peguei no menino ao colo e trouxe-o comigo.

Foi uma alegria em nossa casa. No dia da Imaculada Conceição foi o baptizado na igreja de Miranda do Corvo. Mais um filho de Deus e da Obra da Rua.

O Toninho, que até agora era o nosso benjamim e neste mesmo dia fez dois anos que o baptizamos, é agora o seu guardador.

Que o mundo saiba chorar o seu pecado e queira aceitar e amar este inocente.

x x x

Uma das características sempre certas dos que entram de novo é a repugnância pelo banho. A primeira vez é sempre um espectáculo: ele salta de aflição, ele guinchos de alarme, ele o querer escapar-se das mãos do chefe. No último sábado houve avaria na canalização e tivemos todos de tomar banho em água fria.

Fui trabalhar para o escritório e passado pouco tempo comecei a ouvir uma grande cantoria. Eram todos os pequenos e médios, em cortejo, a dar voltas à casa e a cantar com muita alegria.

Na nossa vida até o banho educa e dispõe bem.

x x x

Agora estamos na maré alta do jogo do pião. Mal termina o rezar depois de comer e já eles começam a correr e apanhar os melhores campos. Até os que já são grandinhos andam apaixonados.

O Cabouco, orfão de pai e mãe, já tem quase 16 anos e

Cont. na pag. DOIS

SETUBAL

Enquanto estudei percorri livros e mais livros, dei voltas à cabeça e à experiência para encontrar razões convincentes, argumentos apodícticos de que a família estava na base da natureza humana. As provas de razão, embora da lógica de princípios seguros, nem sempre nos fartam. Somos homens, não apenas espíritos. A sensibilidade tem sobre nós a sua força. A vida familiar não me era estranha. O que me fora alheio era ser chefe de família, duma família numerosa onde entram feitos, os mais dispares; psicologias, as mais variadas; ver à minha roda 65 homens de amanhã, a carregar aos meus ombros a própria formação física, profissional e espiritual; sentir-me no meio deles em autêntico convívio doméstico; comer da mesma panela e beber da mesma bilha; rezar no mesmo altar e dormir debaixo do mesmo tecto, entre lençois e cobertores vindos da mesma fonte: — a caridade dos homens que os dão —; trabalhar com eles ao frio ou ao calor, com ou sem vontade, de barriga aconchegada ou a dar horas; sofrer os seus defeitos

e encontrar-me cheio deles diante das suas virtudes.

O gaiato sente-se em família conosco e nós em família com ele.

Quando à noite, os sessenta e cinco nos reunimos para louvar a Mãe do Céu, eles sentam-se em volta, na sala de jogos; o chefe pontifica e eu ou um deles. **Sada** e **Piloto** deitam-se no meio da sala e dormem ao som do louvor divino que sai da boca das crianças e dos rapazes. Tudo criaturas que conhecem a dependência do Criador, cada uma a seu modo. Dá um ar de aconchego ao ambiente, a presença dos dois cães, amigos inseparáveis da rapaziada.

Ao começar este acto de família, começamos outro, típico entre nós — o tribunal.

— Há alguma coisa? — é a pergunta costumeira. Se não, lavamos as mãos para a ceia. Se sim, continuamos.

Outro dia, depois da pergunta, Pisco saiu-se para o meio da sala, mão na cara, rosto vermelho, olhos no chão envergonhado. **Pisco** veio há pouco. É da Beira. Filho

Cont. na pag. DOIS

Cantinho dos Rapazes *Do que nós necessitamos*

Nós nunca sabemos agradecer a Deus, meus rapazes, na medida da Sua misericórdia. Há instantes em que sinto intensamente esta insuficiência. É quando o coração exulta de satisfação por algum de vós.

Todas as dores deixam a sua marca; mas as feridas internas são as mais difíceis de sarar. As colhidas na luta têm a atenuá-las a atenção fixa à própria luta. Só mais tarde se dá por elas, quando reina de novo em nós a serenidade. Porém, aquelas mágoas silenciosas que vêm do fracasso vosso, ou pior, duma traição, essas não beliscam a epiderme; ninguém as vê, nem as suspeita; e, no entanto, elas rasgam o coração.

Eu não sei se já vos disse o nome com que Pai Américo assinou as suas cartas íntimas, nos últimos meses de vida. «O Dilacerado». A sua alma foi sempre espicaçada pela inquietação, pela insatisfação de mãos e melhor atingir o que Deus quis de si. Suportou lutas cruéis. Venceu-as galhardamente com a só arma da Verdade. Mas, «dilacerado», sim, porque Pai.

O amor é uma cadeia irreversível. Só os pais compreendem o amor que a paternidade gera.

O Pai gerou o Filho. É o Amor que procedeu da geração é o Amor-Pessoa, o Espírito Santo. O amor verdadeiro, o amor à semelhança do Amor é semelhante ao de Deus.

Só os pais compreendem o amor que a paternidade gera... depois que são pais. E nem o entendimento modifica a inclinação do coração humano. Sempre os pais amarão mais os filhos que estes os pais. O amor é uma cadeia irreversível.

Mas, quem diz amor diz dor, porque não há amor sem dor. É a dor que vem do amor é tão afiada, tão subtil, tanto mais quanto mais verdadeiro é o amor—que só ele dilacera.

Tudo isto, meus rapazes, me acode ao pensamento ao acabar de ler a carta de um «do nosso mundo», longe de nós em África, perto de nós porque do «nosso mundo». A minha alegria é tão profunda que eu queria dizer a Deus que compreendo e agradeço e queria amá-lo mais e melhor pela compreensão e pela graça que me dá, mas não sei, não sei dizer. Lêde comigo:

«Desejo sinceramente que esta carta o encontre de boa saúde, na companhia de todo o nosso mundo; eu e minha mulher ficamos bem graças a Deus.

Recebi hoje notícias e com elas grande satisfação; pode calcular um filho contente, por isso não posso esperar mais tempo para responder.

Eu continuo a ser muito feliz no meu pequenino lar; Deus é testemunha desta verdade. A minha vida continua na mesma; sou caixeiro viajante duma casa comercial desta terra. Vida dura e sempre longe

do lar. A vida é dura, só Deus a ameniza. Não existe terra desta terra de Portugal que não conheça; a minha vida me obriga. Sempre peço para modificar o modo dela; Deus há-de ajudar-me para que assim seja; entretanto sempre em frente. Perdoe se me lamento, mas nunca deixarei de lutar como até aqui.

Envio saudades sem fim a todos do nosso telhado, velhos e novos. Aceite deste filho sempre presente um abraço cheio de saudade e peço-lhe que nas orações ao Sagrado Coração de Jesus nunca me esqueça, tanto necessito do Seu auxílio e amparo.

Saudades de minha mulher; ela sente como eu sinto.

Vêdes?! Que havemos de dizer depois desta carta, senão que «seja bendito o Nome do Senhor», pois que, mais não tivera feito a Obra da Rua, isto já não era pouco!

«A vida é dura» — ele o confessa. «Só Deus a ameniza». E por isso mesmo, «continuo a ser muito feliz no meu pequenino lar».

O sal da vida é a dureza dela. Só a dureza preserva a vida de se afogar no marasmo, na paz podre. Mas só dureza ninguém a suporta. O sal é preciso, mas tem o seu limite. O tempero da dureza é Deus, que ameniza. Se Deus não é na nossa vida, eis uma vida destemperada. E então a vida é dura e apenas dura. Quem a sofre? Quem pode ser feliz? Mas aí do enosso que teme a dureza e foge dela, que só com dureza amenizada por Deus o homem pode ser feliz!

Mas ele, sem o saber talvez, diz outras razões do «continuo a ser muito feliz no meu pequenino lar». «Pequenino» — que adjectivo tão doce quando se diz do lar! É a unidade de pensamentos e corações entre ele e ela. «Ela sente como eu sinto». E assim como eu sinto «a necessidade do auxílio e do amparo do Coração de Jesus» e sempre lhe pede «para modificar o modo dela (a sua vida)» e espera tranquilo, na certeza de que «Deus há-de ajudar-me para que assim seja» — assim ela. São duas vozes numa só voz. São duas almas e um só cântico de confiança e de amor e de humildade.

Cont. na pág. QUATRO

Tribuna de Coimbra

Cont. da pág. UM

há dias foi visitar a avó que está muito acabada.

Veio muito contente porque o padrinho lhe deu um pião de bico de metal e uma baraca de muitas cores.

Ainda bem enquanto eles se deixam prender pelo pião!

x x x

E já que estamos em piões, o Figueiredo devia já ser um homenzinho. É meu companheiro de quarto para nos rezearmos a chamar de noite

«Junto envio a minha costumada mensalidade de 20\$. Envio mais 20\$ porque este mês tive mais trabalho que o costume e prometi dar conforme o meu trabalho. Pedia o favor de pedir a Deus para me dar muito trabalho para eu poder também ajudar essa santa casa que é o Gaiato». Que beleza! Não diz mais nada. Em tão poucas linhas; com tão grande simplicidade diz quem é. Não diz o nome, nem interessa... Diz quem é: Um homem de trabalho que quer trabalhar. Um homem com a consciência perfeita da sua

SETUBAL

Cont. da pág. UM

de mãe muda e falha de ideia. Padre Horácio tem razão. Há homens que não merecem outro nome.

— Então?

— Fui à laranjeira. Picanço II mandou-me lá ir. É sempre a mesma história. A natureza humana não mudou. A resposta dos primeiros progenitores continua: «A mulher que me deste por companheira deu-me da árvore e eu comi. A serpente me enganou e eu comi...»

Logo se descobrem mais cúmplices. Depois de tudo posto a claro, as testemunhas e juizes que eramos todos, ficamos sabendo que Piço roubara quatro laranjas, comera metade duma e distribuiu em metades o resto pelos companheiros. Que doce irmandade! Como é bom viver estes momentos! Os sem família a viverem em família, a repartirem pelos irmãos, até o resultado do seu crime!

Piço dá-se a si mesmo o castigo — uma semana sem merenda; os outros de igual modo — um dia sem merenda. A assembléa sente-se satisfeita. Parece-lhes justo o castigo. A infracção social reparada.

Os réus prometem emenda. Prego que o pomar é todo nosso e saio feliz a ouvir os assobios e guinchos que logo rebentam deste pulmões, abrindo-se em florescência natural, espontaneamente, à vontade, como em casa própria.

Como é doce viver em família!

Padre Acílio

os descuidados e pequeninos. Há dias sentei-me na cama e deixei-me ficar a ler até tarde.

Quando fui apagar a luz, ainda o Figueiredo estava sentado na sua cama a trabalhar. «Que estás tu a fazer», perguntei. «Estou a fazer uma baraca para o pião» respondeu. E ficou-se.

Daf a pouco apagou a luz e rematou: «já não tenho mais guita».

Isto só no quarto do «Senhor Director» duma Casa do Gaia-to.

Padre Horácio

responsabilidade social. Sabe, e disso está certo, que na medida em que der nessa medida também receberá. Que devoção no seu dar!

Talvez aqueles 20\$ lhe façam falta. Não importa. Há-de produzir cem por um. É a promessa. É semente lançada em bom terreno. E se todos lessem pela mesma cartilha?! Haveria menos riqueza e mais dignidade.

Testemunho desta doutrina são as cartas que nos chegam todos os dias. Quantos e quantos sofrem por não poderem dar. Sofrem por si e pelos que podem e não dão. Mesmo esses dão-se. Mandam-nos pedaços da sua alma retalhada. «Quando olho para trás e vejo tantas e tantas crianças amparadas por esta conferência ajoelho e beijo o chão agradecendo ao Senhor o ter-se servido de mim. Mas é tão bom sofrer-mos pelos nossos irmãos». Esta comunhão de sentimentos é pura realidade em muitas almas. É necessária. Ai do mundo se ela não existisse: É preciso que todos sofram para que a dor não seja tão grande.

20\$ de um Luizinho. Camisas de homem e sapatos de senhora de Abrantes. 50\$ para a viúva dos 8 filhos. De Peniche veio uma peça de riscado. Muitas camisolas de malha pequeninas da Fábrica de Malhas da Batalha. S. Paulo—Brasil—fala e diz que são 10.000 cruzeiros. No Espelho da Moda—pano para lençois, toalhas, etc. Um cobertor, camisolas e mais coisas de S. Ma-

mede de Infesta. Perdigueiros, na Covilhã, ouviu e respondeu ao nosso pelo o penúltimo número. Mandou-nos restos de lá num saco. Deixamos o mesmo aviso para aqueles que porventura ainda não tenham ouvido. De Casaldelo vieram os tradicionais rebuçados e não sei que mais. Mais lá de S. Gabriel. Mais camisolas do senhor Filipe Nogueira. Roupa «tirone» de Chaves. Recebemos o fato, sim senhor. Ainda no Espelho da Moda uma peça de flanela. Um anel de alguém que nos pede muito segredo. Só Deus sabe o seu valor e a devoção com que foi dado! Que sejam muito felizes no novo lar que constituiram. A festejar o 34.º aniversário da sua firma enviaram-nos 500\$. Bem hajam e «ad multos annos». De Coimbra vem uma ajuda para a consolda dos nossos pobres. 50 de A. P. «Migalhinhas para o que mais convier. Sempre que possa estarei presente». É uma septuagenária de Lisboa que fala. Mais no Espelho da Moda. Uma jovem mãe, pela primeira vez, envia agradecida 20\$. O pessoal da Mobiloil quer estar sempre ao nosso lado—58\$50.

Cem de uma mãe preocupada com a sorte de suas filhas. Menos oitenta de uma senhora que antes de deixar a sua terra se lembrou de nós. Boa viagem e boa sorte. Uma peça de riscado para os «vossos protegidos». É de Peniche. Do Porto são 20\$ como lembrança do

Cont. na pág. QUATRO



Toninho era o benjamim. Agora é o guardador do novo benjamim.

Facetas de uma Vida

Cont. da pág. UM

placidez; a pureza; a humildade; a penúria. Viveu-a cantando a luz do passarinhos, chamando irmãos aos lobos; às cotovias; às formigas e à própria morte. Ao irmão cerqueiro, recomenda instantaneamente que reserve pequenino cantei-ro para flores, e quer ver a alegria no coração de todos os frades. Ele personifica o ideal cristão; é o irmão de Jesus Cristo, acessível à razão pura sem mistérios nem dogmas nem milagres, e esta é a feição da sua vida que atrai as vistas dos grandes pensadores e artistas, quando começam a indagar o porquê da sua vida, o segredo da existência e o enigma eterno da morte!

Nós porém sabemos mais e melhor.

Conhecemos a força inexplicável da sua vida de prodígios. S. Francisco viveu amando, sim; mas amando o quê? Eis a questão.

O pobrezinho de Assis amava com efeito os homens; amava a natureza; amava as coisas. Mas amava primeiro que tudo e acima de tudo Deus.

Era o amor de Deus que lhe enchia a alma e, transbordando, comunicava-se tão extraordinariamente às criaturas. Era o amor sobrenatural que lhe conquistava então e conquista hoje, aquela força irresistível e transcendente que produz a veneração e o respeito de toda a gente pela sua vida sublime. Desposando a sua noiva, a Santa Pobreza, o filho de Bernandone rasga novos horizontes na vida; descobre um novo mundo e vê numa luz nova os pobres e os ofícios humildes. Grande e poderoso senhor que era, faz-se pequenino e miserável para se dar todo inteiro aos pequeninos e aos miseráveis; tudo por amor de Deus.

Ele não quer pisar papéis em que se ache escrito o nome do Senhor! Ama todos os sacerdotes nos quais não quer ver malícia nem indignidade porque são eles na terra os únicos homens que consagram o corpo do Senhor.

«E os que não sabem letras não cuidem de as aprender», diz ele na Santa Regra, «antes se aplicam ao trabalho e à oração em espírito de amor». E no seu testamento diz: «andávamos vestidos com sacos curando lenhosos e fazendo os trabalhos mais humil-

des, entrávamos nas igrejas a orar e eramos idiotas».

Louco de amor!

Os primeiros companheiros são arrastados, seduzidos pelos seus cantos de amor a Deus! É o primeiro capítulo a que assiste em Assis, conta 5.000 frades, abraçados todos no mesmo espírito de amor sobrenatural.

Amor! Eis o enigma que dá a razão da influência extraordinária da sua incomparável vida, produzida no coração dos homens. Amor romântico para os diletantes; amor divino para os cristãos sinceros, mas sempre amor! O pobrezinho de Assis morreu amando.

Assim amando a pureza exala o último suspiro sobre cinzas.

Amando a pobreza porque acaba no chão extremo, embrulhado em trapos.

Amando a humildade, havendo pedido, em vida, que o sepultassem no lugar dos condenados.

Amando a Deus, com as marcas da sua paixão impressas no corpo.

Dilexiti!

Américo d'Aguiar

«LUME NOVO» — N.º 2
(Comemorativo do 7.º centenário da morte de S. Francisco de Assis),
Fevereiro de 1927

Crianças e Hospitais

Foi no entardecer de um destes Domingos. Eu e dois do Lar do Porto regressávamos do Hospital da Carcereira onde o nosso «Cabeça Santa» resuscitou, graças ao carinho de médicos e enfermeiras, mais do que aos milhões e milhões de antibióticos.

Era cedo. O resto da comunidade ainda não voltara do passeio dominical. Resolvemos fazer horas. Mas onde? Subimos a Boavista em direcção ao centro da cidade. Logo que a Avenida se converte em rua, uns metros adiante, é o Hospital Maria Pia. Foi ali. Eu não sei se o Porto conhece o Hospital Maria Pia. Os que sim entendem como dentro daquelas paredes, de grandes—sentimos o desejo de voltar a pequeninos; de saírem nos não dá de ficarmos doentes.

Não foi a primeira vez que ali entrei. Nem tampouco foi pelo novo corpo para consultas externas que dias antes fora inaugurado. Comigo iam dois dos meus rapazes e eu já sabia que impressão se lhes havia de gravar.

Batemos à porta. Esperávamos um sorriso. Até sairmos

É uma nota impressionante, a humildade e paciência com que alguns «incendiados» comemoram a «sua» casa por migalhinhas, e sua que desfaleça jamais a confiança no alcance do fim.

Este, que deitou conta, à vida e se propôs ir do alicerce ao telhado ao longo de dez anos, bem subidos, é mais herói do que quem, podendo, se desprende duma só vez da dúzia de contos. Sim, esta coluna é na verdade uma «procição»! É um cortejo de presenças que, vivificadas pela seiva da caridade, tornam mais viva, mais pujante, a rainha das virtudes.

O Património dos Pobres não é a panaceia universal do problema da habitação. Mais do que solução (que é bem eficiente a respeito da face rural desse problema!) é um alarme, a avisar os homens que «é tempo de acordar do sono» e de pensar e de realizar algo em favor dos outros homens que estão em risco de se perderem da condição humana.

Por isso os humildes, os pacientes, os solícitos, os confiantes têm aqui seu lugar, que a alguns parece atravado e ineficaz. Ir do alicerce ao telhado com 100\$ mensais?! Esperar dez anos?! Porém, se todos quantos podem sacrificar 100\$ mensais aos seus rendimentos o fizessem, não se juntariam

fartos capitais (que são mais vezes estorvo que proveito!) mas ter-se-ia em cada instante o preciso para ir remediando males na medida das limitadas possibilidades de realização.

O Património dos Pobres é obra de Deus, que é Caridade. Por isso é obra dos humildes, dos mansos, dos pacientes, dos abrasados, dos confiantes. Não promete. Realiza. Parece que pode pouco. Mas segue em velocidade acelerada, silenciosamente... E chega, afinal, aonde não vão as soluções prudentes que se fazem e desfazem no papel...

Demos hoje, pois, o primeiro lugar da procição ao do plano decenal, representando em si todos o que crêem e esperam e amam e não duvidam de que 100 a 100 também se chega aos 12.000. E ainda no mesmo grupo, passamos «Regina e seus filhos», com 50\$ referente a Novembro e o dos 20\$ a menos no tabaco de cada mês e 200\$ relativos a Novembro e Dezembro de M. L., de Lisboa.

Um velho e querido Amigo de Pai Américo, de Lisboa, a terceira prestação de 1.000\$.

Surge agora outra corporação. São os que vivem do seu salário e repartem dele pelos que nem essa garantia têm. São os marinheiros do navio hidrográfico Carvalho Araújo com mais dois mil e o Pessoal do Grémio de Panificação, com 199\$, mais o da HICA com 1889\$, mais os Professores Primários,

que atingiram 34.188\$90. Falta, pois, um cisquito prá terceira casa. Será que vão desistir à beira da meta?... Ora façam favor de se meterem em brios os distritos de Santarém, Setúbal, Aveiro e Faro, que têm estado muito caladinhos e é tempo de se explicarem.

A primeira casa já está em Leiria. A segunda vai ser em Bragança. E se quiserem, Pároco e vicentinos de lá estão dispostos prá terceira!

Outra nota de piedade, tão própria duma procição. O «Zé Ninguém», mas este Zé é ela. Ora escutem:

Junto 1.000\$00 escudos, terceira prestação das doze que ambiciono mandar, para uma casinha do Património. Lutei bastante para poder enviar neste dia em que faço 20 anos de casada. É uma prenda que dou a mim mesma, pois nada mais faço a comemorar a data a não ser rezar pedindo saúde que nos é bem precisa.

Tenho fé em Deus e no nosso Bondoso Pai Américo, que cumprirei até ao fim e depois continuarei para o que mais necessário for.

«Lutei bastante...» É uma prenda que dou a mim mesma... (!) «Tenho fé...» Hoje, como ontem é por este sinal que os discípulos do Mestre se conhecem: «Vêde como se amam».

J. L., da casa «A minha noiva» com mais 500\$ fica a 1.500\$ do fim. Mais 100\$ para a «Casa de Nossa Senhora de Lourdes», indignamente, mas com amor agradecendo e pedindo graças à querida Mãe do Céu.

E mais uma casa se começa, com 500\$: é a «Casa de S. Carlos». Peço eu aqui todo contente e peço aos Carlos que não deixem por mãos alheias o crédito do nosso nome.

A Fábrica Macoma volta com mais 4.000\$. Cem da Beira. Mais de Lisboa. Da casa mealheiro dos Correios da Batalha, desde 5 de Junho a 7 de Dezembro 642\$70.

O nosso homem da Praça da República e ruas confinantes continua a trabalhar incansavelmente. Outro dia fomos testemunha presencial. Sofremos com ele a certas portas elegantes e regozijamo-nos em

Cont. na pág. QUATRO

Agora, no Hospital Maria Pia, as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria fizeram transbordar a nossa medida. Sem burocracia, sem meios, sem inquéritos, senão só e reconhecimento de doença e de miséria, elas abrem as suas portas, sorriem... E desde que alguém ali entra, adulto, ou criança, são ou semi-vivo até que sai o portão, é em sorriso que é recebido.

Beijamos-lhes as mãos.

Agora

quenas, mesas e bancos da mesma sorte. Balões e bonecos. Barras deles pintadas nas paredes. A todas as crianças as duas mães chamavam pelo seu nome. Ternos e o ar que se respira. Que bom ser pequenino e doente dentro daquelas paredes! Às vezes aparece a criança que pode pagar. Mas isso não é o objecto da especialidade daquelas Irmãs.

Diante de cada cama iam ouvindo histórias tristes, principiadas em «barredos». Crianças deformadas, raquíticas, de rostos pálidos e medrosos. As próprias Irmãs sofrem o dia da cura em que terão de as restituir aos lugares de morte de onde elas vieram semi-vivas. E às vezes fazem batota: retardam a cura à espera de uma solução salvadora para os seus doentios. Ali não há assistência. É Caridade.

Nós vínhamos contentes e gratos às boas Irmãs Hospitalarias da Carcereira e a suas alunas de enfermagem, pelo carinho com que restituíram a vida, julgada perdida, ao nosso «Cabeça Santa». E recordando com a mesma gratidão as mesmas religiosas, por tantos cuidados dispensados a todos os nossos que têm subido aos hospitais do Terço e de Penafiel.

Chales de Ordins

In finem dilexit eos. Ir até ao fim no amor é uma exigência essencial da nossa vocação cristã. Dar tudo o que Deus nos pede. Dar-se todo sem rapinas no holocausto; nunca dizer não a Deus. Mas não será isto apenas um programa de vida sacerdotal? Exige-se a santidade dos padres. Toda a gente se escandaliza quando deixam de ser sal da terra e luz do mundo. Mas procurar acabar com seus vícios e misérias é coisa em que não pensam os mundanos. O anseio do mais, de altura, não existe. A única «espiritualidade» é sentirem-se ofendidos com os pecados dos outros. E, afinal, a vocação dum simples homem, quanto mais quando elevado pelo Baptismo a Filho de Deus, é aquela apontada no início destas linhas!... O que vemos por toda a parte é a demissão do dever. Cada um porta-se como se fosse a razão de ser de si mesmo regulando-se pela lei dos apetites. Demitem-se os esposos, quando limitam fraudulentamente os nascimentos, ou faltam à fidelidade conjugal; os professores e escritores, ao ministrar doutrinas aviadas; os responsáveis, não olhando pela nação, mas por alguns da nação atendendo os grandes e abandonando os pequenos no lixo da sua condição. E os industriais quando roubam aos artistas nas horas extraordinárias... e até nas ordinárias!

É a demissão dos arquitectos e urbanistas que traçam formosas avenidas, ladeadas, um dia, de artísticos palácios e arranha-céus, sacrificando o homem da barraca, sem se tentar, tão pouco, uma solução humana para o seu lancinante problema! É a demissão dos advogados avençados de certas companhias, potentados de força à qual cede o direito dos fracos! Em qualquer profissão, ou estado, pode haver uma fuga do dever. Ao comemorarmos mais um natal de Jesus, Cristo, que tristeza, ao verificarmos como são multidão os que vivem «sentados nas sombras da morte» longe d'Ele e da Sua Igreja!...

x x x

Os chales continuam a sair. O Dia da Mãe, o Natal, a Caridade, o interesse, o frio, têm movido muitos a procurar Ordins. Há os da última hora, sabe Deus com que sacrifício, a ajudar-nos. Seguem os devotos de Santa Bárbara de quem se lembram em maré de trovoadas. De mistura com as nossas propagandistas, vão casas comerciais, que não estão abertas só para fazer o seu negócio. Nisto tudo vai, de envolta, o incenso de preces e bençãos.

A servente do Banco Lisboa & Açores em Coimbra, foi-lhe oferecido um chale. «Pelo amor de Deus não devolva a demasia, se a houver». Assim tenho sempre feito. Não é preciso recomendar muito.

Lorvão Safara, (B. Alen-

tejo), Guimarães, Vila Moreira, Ponta Delgada. Espinho e Porto fogem do frio. De Coimbra, «são cinco filhos que pelo Natal querem oferecer um chale a sua Mãe». Um atrazo no recebimento do ordenado fez que só agora se lembrassem da Mãe. Outra vez a rainha do Mondego: «tenho falado na obra dos chales a várias pessoas que ainda não conheciam e também querem um chalhinho desses. Uma já andam a juntar aos poucos porque também são pobres. Outras estão à espera de ver o meu». As entrelinhas mostram vidas de pobres, feitas de heroísmo, a lembrar-se de nós.

De Lisboa, não sei quantos pedidos. Um exemplo da generosidade da capital: «seguem hoje 200\$ para um chale dos grandes em cinzento e não havendo será em azul escuro. 100\$ para um dos médios de preferência branco, mas se vos calhar melhor, pode ser rosa ou azul-bebé. 190\$ para dois médios, mas só interessam brancos e 130\$ para dois pequenos mas também só em branco. Podem vir para mi-

Da que nós necessitamos

— Cont. da 2.ª pág. —

Natal. Um embrulho de roupas usadas com votos de boas festas e um Natal feliz, de um que se casou e não quis levar tudo consigo. Felizes os que nas horas decisivas da sua vida não pensam apenas em si, mas sentem necessidade dos outros. Mais roupa e calçado de uma viúva desolada que vem buscar conforto junto de nós. Retalhos de popeline. Lembranças de S. Braz de Alportel. Malhas de Lisboa. Agora têm a palavra as cadeias. Do Forte de Peniche veio uma pequenina ajuda para a noite de Natal. Quatro cobertores de Loriga. «Uma pecadora» lamenta-se que tanta gente favorecida pela fortuna não se lembre de olhar um pouco mais para os deserdados da sorte. Mandou-nos 50\$ porque não pode dar mais. O Porto volta e fala. Lourenço Marques idem. De Leopoldville chega até nós o grito de uma mãe amargurada pela sorte dos seus. Os dadores de sangue também querem dizer. É a Beira com 200\$00 e não pela primeira nem segunda vez. De novo Lourenço Marques. Linhas e mais linhas (de coser) da Empresa Fabril do Norte. De Lisboa — R. Pedro Nunes — roupas prós gaiatos e Calvário. Idem de Luanda e Vila Pery. Chaves volta com 100. «A avó de Moscavide envia este mês 50\$ com mágoa de não poder dar mais». Os pobres de lá não a deixam. É avó. Uma carta a ferver. Não a publico por falta de espaço. Fala do sacrifício de um fio de ouro. Quatro vin-

ha casa e eu os distribuirei pelos respectivos donos». Há muito que aprender nestas linhas. Quem pensará ainda que somos comerciantes?

Leiam bem Lisboa: «gosto muito do chale, amo-o nesta terra em que o luxo impera o prefiro também porque por ele uma tecedeira teve mais um bocadinho de pão. Nosso Senhor abençoe a Obra da Rua, e todos quantos trabalham nela e por ela, que tanto bem tem feito, tanto, que vós nunca o sabereis senão um dia no Céu — Assim seja!».

Celas, contente: «o chale que chegou ontem é tão bom e bonito que já venho pedir outro». Carrizado de Montenegro («cá estou novamente...») Castro Daire, mais Coimbra, Silves, Penela, Carvalhos, Monforte da Beira, Penamacor, mais Porto, Avelal (B. Alta) e Fundão vão aqui, satisfeitos, cada qual com o seu.

Um professor amigo da Faculdade de Farmácia, a quem Ordins já tanto deve, não quis cruzar os braços: «conforme prometi, encarreguei um grupo de alunas da Faculdade de vender os já afamados chales de Ordins. Ontem vieram trazer uma nota com a primeira encomenda».

Padre Aires

tes,—do 1.º ordenado; de Ilhavo, de uma pecadora, para os pobres. Moçambique volta a falar pela voz de Mutuáli—500\$. Um quinto de Carrizado de Montenegro. Outro tanto de Cernache do Bonjardim. O mesmo da Av. Dr. M. Lima. Idem. Metade de «dois amargurados». Igual quantia de alcobaça. Mais 50. O dobro, de uma pobre pecadora. Baía dos Tigres faz-se ouvir com cem. Óleo de fígado de bacalhau para os nossos rapazes. Uma primeira remessa de 300 frascos. Uma mãe que veio trazer uma mala de roupa do filho de 9 anos que Deus levou. Discos, lenços e retalhos (já é costume); sapatos e roupa usada; Aveiro também foi aos Clérigos e deixou; velas; camisolas e pullovers. De um casal português de Cacia, no Brasil, roupas, dolares e muita simpatia. A nova máquina fala e mandam 40 para ela. Esteja descansada, Senhora D. Ermelinda, que tudo cá veio ter. Mais fazendas de Mação. A «Senhora das camisolas» (é assim que quer que lhe chame), esteve junto de nós acompanhada das respectivas. E que quantinhas elas são. Por certo que há-de sentir em sua casa o calor das camisolas que nos trouxe. Uma esposa que em breve vai juntar-se ao seu marido em África, marca presença com 50. Que Deus os ajude. É mais um pobre que quer ajudar os Pobres traz uma nota de vinte. O Barredo encontrou eco em muitas almas. Depois darei notícias.

P. e Manuel António

Conferência do Lar do Porto

Qual o cristão que se não alegra ao ver um dos seus irmãos a cumprir bem os seus deveres? Infelizmente nem todo o filho da Igreja compreende a sua doutrina. Sabemos já que em qualquer sociedade existe sempre quem se desvie da sua rota, mas podia haver menos se muitos dos cristãos seguissem o exemplo destes que descrevo.

Uma senhora pediu que lhe indicássemos alguns pobres. Prontamente lhe dissemos que sim, pois, se há tantos miseráveis no Porto... Esta senhora foi, viu e com certeza sofreu.

Ela quis fazer este acto de promessa em sufrágio da alma de Pai Américo. Mais tarde, uma das suas filhas mandou-me ir a sua casa para nos dar um certo donativo, o qual não é preciso mencionar, tendo dito que era em sufrágio do mesmo.

Porque é que estas benfeitoras compreensivas, não compraram uma certa quantia de velas, um objecto de cera ou, pior que tudo isto, bonecos de estearina e não os foram pôr em cima da pedra da campa de Pai Américo?

Demos graças a Deus porque ainda há quem compreenda a sua doutrina.

Primeiro devemos alumiar os vivos e então depois os mortos. Cada qual no seu lugar; nem oito nem oitenta. Se algumas pessoas que assim procedem fossem dar uma volta pelo Barredo, com certeza não tornariam a comprar bonecos de estearina. Iriam sim, comprar pão, roupas, ou mesmo velas para alumiar os sepultados vivos existentes por estas cidades.

Acho que é uma injustiça gastar certo dinheiro e certo tempo num hábito que qualquer homem justo detesta. Não falemos só do dinheiro, porque isso pouca ou nenhuma importância tem. Falemos sim, do tempo precioso que se perde, o qual se podia dispor no conforto de um desamparado e cumpriram melhor as promessas, se assim se oferecessem.

Pois a senhora que acima me refiro não perdeu tempo, nem tão pouco dinheiro. Entregamos-lhe certos pobres e, após um, foi visitar um outro, que por sinal mais a impressionou. Pois, não descansou enquanto não viu este último socorrido convenientemente.

Parece-me que ganhou coragem esta senhora, e agora passo a passo visita alguns Pobres do Barredo. Experimentem para ver se ganham coragem. Qual será o voto que chegará mais rapidamente ao Céu? Será o voto de certos bonecos de cera, ou o cumprimento do nosso dever? Pensemos um pouco e veremos que é o cumprimento da nossa obrigação de Caridade.

Para o nosso bem e bem estar dos Pobres, recebemos de uma anónima 200\$ entregues a um dos vendedores do «Famoso». Mais 50\$, 20\$. Do Porto, muitos anónimos. Um com 20\$, outro

com 40\$, mais 200\$, um outro apresenta-se com 80\$. Logo em seguida um com 30\$, mais 20\$, mais 80\$. Depois, três anónimos pobres, um com 10, outro com 20\$ e por fim um com 10\$. Só Deus é que sabe o esforço que estes devem fazer. Por alma do marido, 50\$, da Rua 5 de Outubro. 150\$ e várias peças de roupa para crianças femininas. Em sufrágio da sua tão querida mãe 20\$. Uma pobre, 20\$. De uma anónima 10\$. Idem, 100\$.

Fernando Dias

AGORA

Cont. da página TRÊS

ilhas e casas humildes, onde nos davam mais do que podiam. Os Pobres sabem melhor as necessidades dos Pobres do que os bem instalados. Aquele bocadinho de tarde em que quisemos experimentar a humilhação da porta em porta, foi lição prática que não mais esquecerá. Pois o nosso herói já arrecadou 5.420\$30 pra segunda casa e ainda não perdeu a esperança de chegar à terceira. Agora, depois do que vi e ouvi dele e na companhia dele, tão pouco eu a perco.

E ficam para o fim os portugueses de Leopoldville com quarenta contos, resultado dum pedtório. Querem ouvir mais heroísmos? Pois leiam a carta da nossa correspondente:

«Não foi sem custo que consegui que o cheque seguisse hoje. Mas felizmente já chegou e eu apresso-me a enviá-lo com grande alegria. Eu, que sou uma miserável pecadora, toda me regozijo quando sinto uma parcela de bem. O Senhor Padre Carlos com os seus rapazes, faça uma oração pedindo a Deus por mim. Tenho três filhos para que Deus nos abençoe. Há dez anos que eu e o meu marido enviamos de Bangui. Por uma vez fui eu de porta em porta e consegui 4.000 escudos; depois meu marido que como eu, gosta imenso dos Pobres, conseguiu 8.000 escudos.

O Padre Américo conhecia-nos muito bem e com aquele bom humor com que nos recebia, referia-se sempre com muita graça ao nosso apelido «Vitória». Que Deus nos dê a Vitória nos nossos corações».

Cantinho dos Rapazes

Cont. da pág. DOIS

É este, meus rapazes, o modelo do lar perfeito. Quem dera que todos, que cada um de vós, ao fundar o seu, se prepare, na oração instante ao Coração de Jesus, para um «pequeno lar», para uma «vida dura», para a entrega a Deus do cuidado de amenizá-la, para a formação da noiva de tal sorte que ela sinta e permaneça até ao fim no sentir dele, num sentir que será, portanto, segundo o Coração de Jesus.

Ó meus rapazes, quem sabe dar graças a Deus?!

Visado pela

Comissão de Censura